

USO DE PERÍFRASES VERBAIS E ESCOLARIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO

Priscila Thaiss da Conceição (UFRJ)
Maria Maura Cezario (UFRJ / CNPq)

Introdução

As perífrases verbais podem ser estudadas sobre vários aspectos e com base em várias teorias. No caso deste artigo, serão estudadas por um viés comparativo e com base na Lingüística Funcionalista.

Este trabalho visa a ser um estudo comparativo sobre o uso de auxiliares em redações de 15 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e em redações de 15 alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Essa comparação se dará, basicamente, a partir da análise dos esquemas cognitivos desses auxiliares, segundo Heine (1993), das quantidades de perífrases verbais diferentes encontradas e daquelas com maior número de ocorrências em cada série.

Observaremos, ainda, o grau de gramaticalização dos verbos auxiliares das perífrases mais freqüentes.

1 - Pressupostos teóricos

A Lingüística Funcionalista concebe a língua como um instrumento de interação social e busca no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Pensar a língua como um instrumento de interação é pensar no caráter dinâmico da língua e na possibilidade de ela ser constantemente modelada por fatores externos, tais como: forças cognitivas, manipulação pragmática, história, etc. E uma língua que está em constante mudança, dificilmente terá categorias lingüísticas tão fortemente delimitadas. Por isso mesmo, o Funcionalismo trabalha com a idéia de *continuum*, uma das idéias chave para se entender o trabalho apresentado neste artigo.

A definição e distinção do que seja um verbo auxiliar é muito controversa, tanto que alguns gramáticos tradicionais preferem não definir o que seja um verbo auxiliar. Esse é o caso, por exemplo, de Bechara (2004), na seção sobre Locução Verbal e Verbos auxiliares. O autor define locução verbal:

“Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar, estou estudando, tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.” (BECHARA, 2004: 230)

Nota-se que, nessa definição, apesar de ser dito o que é uma locução verbal (combinação de um verbo auxiliar com um principal), não se diz o que é um verbo auxiliar.

Outros autores, ao definirem os auxiliares, ou o consideram como uma outra classe de verbos, separada, ou como uma parte da classe já existente. Ou seja, não há um consenso.

Uma vez que, como dito acima, a Gramática Funcionalista trabalha com a idéia de *continuum*, com os auxiliares não poderia ser diferente. A hipótese funcionalista é a de que não há um limite claro separando os verbos plenos dos auxiliares, mas, sim, há uma gradação, ou seja, um *continuum*. Esse *continuum* estaria marcado pelo grau de gramaticalização desses verbos.

Gramaticalização é um processo unidirecional em que um elemento do léxico torna-se gramatical, ou um elemento já gramatical torna-se cada vez mais gramatical. Assim, quanto mais próximo do léxico, no *continuum*, mais próximo dos verbos plenos. Quanto mais distante das categorias lexicais, mais auxiliar será.

Heine (1993) propõe um *continuum* para os verbos, começando pelos plenos, passando pelos auxiliares e terminando nos morfemas verbais de tempo, modo e aspecto. É a trajetória “Verb-to-TAM chain”, em que o autor propõe diferentes estágios de gramaticalização de itens verbais, começando no estágio A até o estágio G. Esses estágios de gramaticalização serão importantes para nós, uma vez que os usaremos para averiguar o grau de gramaticalização das perífrases com maior número de ocorrências.

Para Heine, os auxiliares são gramaticalizações de conceitos complexos, que ele chama de conceitos de eventos (esquemas cognitivos que envolvem uma proposição e dois participantes, em geral). Assim sendo, os auxiliares surgem a partir de verbos que possuem os seguintes esquemas cognitivos: localização, movimento, ação, volição, mudança de estado, equação, modo, posse e companhia. O autor ainda diz que há esquemas que são considerados mais básicos (localização, movimento e ação). Como exemplo na Língua Portuguesa, temos o uso do IR (fut.) + infinitivo, como marca de futuro, que teria surgido de um esquema de movimento. Esses esquemas cognitivos também serão cruciais para este trabalho.

Além desse, mais dois trabalhos foram importantes para esta pesquisa: Givón (1979) e de Kato (2005). No primeiro, o autor postula a existência de um modo lingüístico mais pragmático e outro mais sintático, ou seja, mais gramatical. No segundo, a autora relaciona o nível de formalidade e planejamento de uma linguagem escrita ao modo mais gramatical. Deste modo, as redações analisadas, em geral, por serem textos escritos, estariam em um modo mais gramatical. Além disso, não podemos esquecer que a comparação será feita com diferentes séries, ou seja, pensando que, quanto maior o tempo de escolaridade, maior a experiência que o leitor/escritor possui com a língua escrita, os alunos do 2º ano de Ensino Médio possuíram uma linguagem escrita muito mais gramatical do que os alunos do 5º ano. Como os auxiliares estão em processo de gramaticalização, acreditamos que esse texto mais gramatical dos alunos do Ensino Médio poderá ter mais perífrases verbais do que o texto do Ensino Fundamental. Daí, a importância de se observar essa distinção entre modo pragmático e gramatical e a relação entre o texto escrito e o modo gramatical.

2 - Hipóteses

A partir desses pressupostos teóricos, surgem, então, as seguintes hipóteses para este trabalho:

- a) quanto maior a série, maior o uso de perífrases verbais;
- b) os alunos da série mais avançada apresentam maior variedade de esquemas cognitivos do que os alunos da menor série (os alunos do 5º ano apresentariam em maior quantidade os esquemas mais básicos: localização, movimento e ação);
- c) os alunos do 2º ano do Ensino Médio usam maior variedade de verbos para os mesmos esquemas cognitivos;
- d) grau de gramaticalização dos auxiliares que compõem as perífrases deve influenciar na maior ocorrência desta perífrase.

3 - Corpus e metodologia

O *corpus* utilizado neste trabalho é composto por redações de alunos do 5º ano (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental, doravante EF, e do 2º ano do Ensino Médio, doravante EM, estudantes de uma escola estadual do município de Petrópolis/RJ. As redações surgiram da

recontagem que os alunos fizeram da narrativa “As travessuras de Afonsinho” (ROCHA, 1980). Foram utilizadas, nesta pesquisa, 15 (quinze) redações de cada série, totalizando 30 (trinta) redações.

Primeiramente, destacamos dos textos das redações todas as perífrases verbais encontradas. Como alguns exemplos de perífrases encontradas, temos:

5º ano EF	2º ano EM
“(…) ele estava passando na rua quando ele viu o cachorrinho e pensou: - Vou levar ele para mim.”	“(…) quando iria embora, o cão começou a chorar (como se fosse um pedido de socorro), aí o menino acabou levando o cachorro e deixou o dele de brinquedo lá.”
“O menino quis levar Charles para casa (…), mas pensou que isso era roubo então quis comprar o cachorro.”	“Mas o menino percebia (percebeu) como o cão era maltratado então resolveu mudar toda a sua aparência e foi devolvê-lo ao seu legítimo dono.”
“E Afonsinho falou que uma fada tinha lhe dado e ninguém tinha acreditado .”	“Chegando lá o menino mostrou o cão e o dono disse que o menino estava tentando enganá-lo .”

Quadro 1: Exemplos de perífrases verbais encontradas nas redações dos alunos.

A seguir, contabilizamos cada uma das perífrases de acordo com a frequência em que ocorreram para que, assim, pudéssemos verificar quais perífrases apareceram, em qual série e em que quantidade. Os verbos auxiliares das perífrases também foram classificados de acordo com seus esquemas cognitivos (segundo HEINE, 1993).¹

Verificamos, ainda, nas perífrases com maior número de ocorrências o estágio de gramaticalização (segundo HEINE, 1993) em que essas se encontram. O objetivo disso é observar se há alguma relação desse fator com o alto número de ocorrência dessas perífrases.

Finalmente, com todos esses dados em mãos, fizemos as comparações entre os dados encontrados no 5º ano do EF e os encontrados no 2º ano do EM, o que poderemos visualizar melhor na próxima seção.

4 - Resultados

Após a análise das 30 (trinta) redações, obtivemos dados com relação às perífrases encontradas, o número de ocorrências e seus esquemas cognitivos. A seguir, alguns exemplos de esquemas cognitivos encontrados na análise:

a) “Ele **queria pegar** o cachorro, mas pensou que isso **iria ser** roubo. Ele **queria ter** um cachorro de verdade, mas não para prender desse jeito.” (5º ano EF)

Nesse primeiro exemplo temos as perífrases QUERER+infinitivo e IR+infinitivo. A primeira perífrase codifica o esquema de volição, uma vez que o verbo *querer* expressa a vontade do sujeito. A segunda codifica o esquema de movimento, uma vez que o verbo *ir* indica deslocamento.

b) “Alguns dias depois saiu no jornal que **estavam procurando** o cão.” (5º ano EF)

¹ Durante essa fase da pesquisa, tivemos algumas dificuldades: nem todos os verbos representavam perfeitamente os esquemas cognitivos propostos por Heine. Tivemos de ir ao dicionário, mas, ainda assim, nem todos os casos puderam ser resolvidos. Esse é o caso, por exemplo, das perífrases com o verbo SER e com o PARECER. Como não conseguimos classificá-los em nenhum desses esquemas cognitivos, os descartamos da análise.

Nesse exemplo, temos a perífrase ESTAR+gerúndio, que se representa o esquema de localização.

c) “E Afonsinho falou que uma fada **tinha** lhe **dado** e ninguém **tinha acreditado** e Afonsinho botou o nome dele de Chapisco.” (2º ano EM)

Nesse exemplo, temos as perífrases TER+particípio, que expressam o esquema de posse.

A seguinte tabela reúne os dados obtidos com a análise:

Perífrases verbais	5º ano EF	2º ano EM	Esquemas cognitivos
Ir (pass. e fut.) + infinitivo (foi entregar)	31	10	movimento
Ir + gerúndio (foi correndo)	2	---	movimento
Vir + infinitivo (vim entregar)	2	---	movimento
Estar + gerúndio (estava voltando)	9	9	localização
Estar + particípio (estava escrito)	7	3	localização
Querer + infinitivo (quis levar)	9	2	volição
Poder + infinitivo (posso pegar)	6	1	posse ²
Ter + particípio (tinha acreditado)	6	5	posse
Começar a + infinitivo (começaram a fazer)	2	2	ação
Dever + infinitivo (deve custar)	2	1	ação
Pensar em + infinitivo (pensou em botar)	2	1	ação
Agüentar + infinitivo (agüentou ficar)	1	---	ação
Deixar + infinitivo (deixar passar)	1	---	ação
Ficar + gerúndio (ficaram fazendo)	3	2	modo
Ficar + particípio (ficaram desconfiados)	1	4	equação
Adorar + infinitivo (adora passear)	---	1	ação
Acabar + gerúndio (acabou levando)	---	3	ação
Resolver + infinitivo (resolveu mudar)	---	6	ação
Acabar de + infinitivo (acabei de ler)	---	1	ação
Ter a ver (tem a ver)	---	1	posse
Haver + particípio (havia transformado)	---	2	posse
Ter de + infinitivo (teve de ir)	---	2	posse
Tentar + infinitivo (tentou entregar)	---	1	ação
Fazer + infinitivo (fizeram prometer)	---	1	ação
Mandar + infinitivo (mandou-lhe devolver)	---	2	ação
Decidir + infinitivo (decidiu pintar)	---	2	ação
Gostar de + passear (gostava de passear)	---	1	ação
Viver + gerúndio (vivia passeando)	---	1	modo
Aparecer + gerúndio (apareceu andando)	---	1	ação

Tabela 1: Perífrases verbais encontradas em cada série, número de ocorrências e esquemas cognitivos.

Podemos observar, na tabela acima, que as perífrases verbais com maior número de ocorrências pertencem aos esquemas cognitivos de movimento (IR + infinitivo), localização (ESTAR + gerúndio), volição (QUERER + infinitivo) e ação (RESOLVER + infinitivo). Esse resultado é muito interessante e, portanto, vamos nos deter um pouco nele.

² Segundo o dicionário eletrônico Aurélio, o verbo *poder* vem do latim vulgar **potere*, calcado nas formas *potes*, *potest* e outras de *posse*. Além disso, olhamos os significados dados para este verbo e todos são com o verbo *ter* (ter capacidade, ter a faculdade de, ter calma, ter grande influência ou poder, etc.). Por isso, o classificamos como esquema cognitivo de posse.

O fato de ter esquemas cognitivos de movimento, localização e ação dentre as perífrases de maior ocorrência corrobora com nossa hipótese de que os esquemas mais básicos apareceriam mais. No entanto, contrariamente à hipótese, essa maior ocorrência não esteve relacionada ao grau de escolaridade do informante. Afinal, a perífrase com esquema de movimento e a com esquema de localização com maior ocorrência foi a mesma nas duas séries, além de o esquema de ação com maior ocorrência ter aparecido no 2º ano do EM, ao invés de no 5º ano do EF, como esperado.

O fato de uma perífrase de volição estar entre as que mais apareceram foi inesperado visto que, segundo Heine, esse não seria um dos esquemas básicos. Talvez, o esquema de volição também fosse básico, só que mais subjetivo já que está ligado ao desejo do indivíduo. De qualquer modo, o autor em questão não vê esse esquema como básico. Outro ponto a ser levado em conta é o de que, dentre várias perífrases com esquemas de movimento, ação e localização, somente três (uma de cada) estavam entre as mais utilizadas.

Essas observações nos levam a pensar que, talvez, não seja bem o esquema cognitivo que vá definir se uma perífrase vá ser muito utilizada em uma língua ou não, mas algum outro fator.

Passamos, então, a pensar no grau de gramaticalização dessas perífrases como um possível fator para essa frequência. Deste modo, classificamos as perífrases verbais mais encontradas de acordo com seu estágio de gramaticalização (HEINE, 1993). A partir daí, obtivemos a seguinte tabela:

Perífrase verbal	Estágio de Gramaticalização	Relação entre os estágios e as ocorrências encontradas
Ir (pass. e fut.) + infinitivo Ex.: “- <i>Vou esperar</i> pra ver se o dono dele aparece.”	Estágio D	nesse caso, o verbo auxiliar já expressa apenas noções de tempo, aspecto ou modo e perdeu a capacidade de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva (participam da VP apenas indicando tempo, mas sem que eles próprios sejam “transformados”), os complementos sempre são um infinitivo;
Estar + gerúndio Ex.: “O dono <i>estava</i> lhe <i>procurando</i> .”	Estágio D	novamente, o verbo auxiliar já expressa apenas noções de tempo, aspecto ou modo e perdeu a capacidade de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva (participam da VP apenas indicando tempo, mas sem que eles próprios sejam “transformados”), os complementos sempre são um gerúndio;
Querer + infinitivo Ex.: “Ele <i>queria</i> pegar o cachorro.”	Estágio B	os casos que apareceram exigiam referentes humanos ³ , os complementos eram verbos não-finitos, verbo e complemento não representam uma só unidade semântica;

³ Não apareceu nenhum caso de “Está querendo chover”. Os casos eram de um estágio mais simples, como: “O menino quis levar Charles para casa.”

Resolver + infinitivo Ex.: “(...) <i>resolveu mudar</i> toda a sua aparência.”	Estágio B	os casos que apareceram exigiam referentes humanos, os complementos eram verbos não-finitos, verbo e complemento não representam uma só unidade semântica.
--	-----------	--

Quadro 2: Graus de Gramaticalização das perífrases com maior ocorrência.

De acordo com a tabela 1, a perífrase IR + infinitivo foi a que obteve maior número de ocorrências (31 no 5º ano do EF e 10 no 2º ano do EM) e, segundo o quadro 2, essa perífrase estaria no estágio D de gramaticalização. Já a perífrase ESTAR + gerúndio apareceu 9 vezes em cada uma das séries e se encontra no mesmo estágio. A perífrase QUERER + infinitivo, que seria de um estágio menor de gramaticalização, apareceu também 9 vezes, só que apenas no 5º ano, enquanto que RESOLVER + infinitivo apareceu menos vezes (6 vezes no 2º ano), apesar de estar no mesmo estágio de gramaticalização. Deste modo, perífrases com o mesmo grau de gramaticalização apareceram com frequências diferentes, o que nos levou a pensar que, talvez, o grau de gramaticalização possa até ser um fator relevante para esse tipo de ocorrência, mas que ainda deva haver algum outro fator mais forte.

Analizamos, então, o caso da perífrase QUERER + infinitivo. Essa perífrase já se encontra pronta na língua. Amorim (Inédito) percebe uma alta frequência de QUERER+infinitivo na fala de crianças em fase de aquisição. Assim, mal os bebês aprendem a falar, logo já conhecem essa estrutura pronta e começam a repeti-la. Se observarmos bem, essa estrutura aparece mais no 5º ano, que é uma série em que a carga de leitura dos alunos ainda não é muito ampla, fazendo com que eles possuam poucas estratégias discursivas próprias da modalidade escrita para expressarem a mesma coisa. Esse fato de já “estar pronto” na língua e ser de alta frequência – para que possa se tornar conhecido e produtivo – pode ser, sim, importante.

Passemos a pensar no caso de maior ocorrência: IR + infinitivo. Novamente, temos um caso que é muito frequente na língua e que, de tão usual, rapidamente é conhecido por qualquer criança, independentemente de sua classe social. Esse fato de ser altamente conhecido faz com que ele apareça bastante, inclusive na escrita. É interessante observar como que, mesmo os alunos do 2º ano que já conhecem outras formas de indicar os tempos passado e futuro, ainda usaram um número alto de usos da forma IR + infinitivo. É claro que, comparativamente com a outra série, usou menos, mas comparando com as outras perífrases encontradas, o uso foi alto.

Portanto, parece-nos que a frequência em que uma perífrase aparece na língua é um fator mais forte do que seu esquema cognitivo ou seu grau de gramaticalização, mesmo que o grau de gramaticalização seja importante também. Afinal, para que uma estrutura se gramaticalize, é necessário que ela também possua uma frequência alta na língua.

Pensando em nossas outras hipóteses, observamos a variedade de perífrases verbais utilizadas pelas duas séries e, como podemos ver na tabela abaixo, os alunos do 2º ano usaram uma maior variedade de perífrases verbais do que o 5º ano.

Série	5º ano EF	2º ano EM
Variedade de perífrases	15	27

Tabela 2: Quantidade de tipos diferentes de perífrases verbais encontradas por série.

Assim, a nossa hipótese de que, quanto maior a série, maior o uso de perífrases verbais foi confirmada.

Nossas duas outras hipóteses são: (1) os alunos da série mais avançada apresentam maior variedade de esquemas cognitivos do que os alunos da menor série e (2) os alunos do

EM usam maior variedade de verbos para os mesmos esquemas cognitivos. Para checar essas hipóteses, vamos observar os seguintes resultados:

Esquemas cognitivos	5º ano EF	2º ano EM
Movimento	3	1
Localização	2	2
Volição	1	1
Posse	2	5
Ação	5	13
Modo	1	2
Equação	1	1

Tabela 3: Quantidade de perífrases verbais diferentes utilizadas em cada esquema cognitivo.

Podemos observar, na tabela acima, que os esquemas cognitivos encontrados foram os mesmos nas duas séries. A única diferença reside, em alguns esquemas (e não todos), na quantidade de perífrases diferentes utilizadas para representar o mesmo esquema. Na tabela, estão destacados os esquemas que possuíram maior variedade de perífrase e em qual série. Assim, no 5º ano do EF, somente o esquema de movimento apresentou maior variedade de perífrases do que no 2º ano. Nos outros esquemas, ou a variedade utilizada foi a mesma (localização, volição e equação) ou o 2º ano possuiu maior variedade (posse, ação, modo). Assim, a primeira hipótese não se comprovou, já que os esquemas utilizados foram os mesmos. No entanto, a segunda hipótese mostrou-se razoavelmente produtiva, já que os alunos do EM, em alguns esquemas, conseguem apresentar maior variedade de perífrases. Dissemos razoavelmente, pois, dentre 7 (sete) esquemas, somente em 3 (três) o 2º ano do EM apresentou números maiores do que o 5º ano do EF, ou seja, em menos da metade. No entanto, ainda assim, apresentou uma variedade maior nesses três esquemas. Como exemplo do *corpus*, temos um trecho do 5º ano do EF e outros dois trechos de alunos do Ensino Médio, referentes à mesma parte da narrativa original:

5º ano: “Quando chegou em casa as pessoas fizeram um monte de perguntas aonde você achou esse cachorro? E ele disse que uma fada **tinha transformado** o seu cachorro de mentira em um de verdade.”

2º ano: “Chegando em casa ele inventou uma mentira para a família. Contou que uma fada **havia transformado** o cão de mentira dele em um cão de verdade.”

2º ano: “Levou o cachorro para casa e inventou aos pais que uma fada **tinha transformado** seu cão de brinquedo em um de verdade.”

No 5º ano do EF, somente dois alunos recontaram esse trecho e os dois utilizaram a mesma perífrase, TER+particípio. Já no 2º ano do EM, seis alunos recontaram esse trecho. Três utilizaram a perífrase TER+particípio e três utilizaram HAVER+particípio. É importante ressaltar que a perífrase HAVER+particípio não apareceu nenhuma vez nos dados do 5º ano do EF. Ou seja, enquanto os alunos do 5º ano utilizaram uma só perífrase para indicar posse, os alunos do 2º ano do EM, ao menos nesse trecho, utilizaram duas.

Ainda assim, somente com mais pesquisas e com um maior número de dados seria possível tornar mais clara, não só essa hipótese, mas também outras questões que se mostraram problemáticas neste trabalho.

5 - Conclusão

Este trabalho objetivou comparar o uso de perífrases verbais em duas séries escolares - 5º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio – com base na hipótese de Heine de

que os auxiliares codificam esquemas cognitivos e que são um ponto da trajetória que vai do verbo pleno ao morfema flexional modo-temporal nas línguas.

Podemos concluir, com essa comparação, que, quanto maior a série, maior o uso de perífrases verbais, já que, nas redações dos alunos do 2º ano do EM, foram encontrados maiores quantidades de perífrases do que nas redações de alunos do 5º ano do EF.

Concluimos também que não há diferença na variedade de esquemas cognitivos utilizados pelas duas séries, mesmo sabendo-se que há esquemas considerados mais básicos que outros (localização, movimento e ação). Vimos, também, que o 2º ano utilizou maior variedade de verbos para os esquemas cognitivos de posse, ação e modo, enquanto que o 5º ano utilizou maior variedade para movimento, levando-nos a pensar que os alunos do Ensino Médio usam maior variedade de perífrases para os mesmos esquemas cognitivos.

Em relação às perífrases verbais que obtiveram maior número de ocorrências, concluimos que o principal fator que poderia justificar esses números é a frequência de uso dessas perífrases na própria língua, ou seja, no dia-a-dia desses alunos, falantes e ouvintes de Língua Portuguesa. Tentamos criar justificativas baseadas nos esquemas cognitivos e nos graus de gramaticalização das perífrases, mas não houve nenhuma influência direta que pudesse explicar a escolha dessas perífrases e não de outras para serem as mais utilizadas. Maiores pesquisas seriam necessárias para se chegar a uma resposta mais definitiva. Neste trabalho, nos limitaremos a pensar que a frequência de uso possa ser a principal responsável.

Deste modo, finalizamos nossa comparação concluindo que a maior diferença entre as séries se dá em relação à quantidade de perífrases utilizadas. Os outros aspectos comparados ou não se mostraram diferentes de uma série para outra ou tiveram uma diferença mínima, o que reforça a necessidade de maiores estudos sobre o assunto.

Referências bibliográficas

- AMORIM, C.M.S. Gramaticalização de construções com o verbo “querer”. Rio de Janeiro: UFRJ, Inédito.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004
- CEZARIO, M. M. Graus de integração de cláusulas com verbos volitivos. In: VOTRE, CEZARIO, Maria Maura da Conceição. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- CEZARIO & MARTELOTTA. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2004.
- _____. Padrões de frequência nas construções com cláusulas completivas. In: *Lingua(gem)*. Revista do Instituto Latino-Americano de Pesquisas Científicas – ILAPEC. Vol1, Jan-Jun, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0* Positivo Informática, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, M. A., RIOS DE OLIVEIRA, M. & MARTELOTTA, M. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: ---. *On understanding grammar*. New York: Academic Press. 1979:81-112.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and gramaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press. 1993.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.
- KUTEVA, Tania. *Auxiliation*. New York/Oxford: Oxford University Press. 2001.
- ROCHA, R. *As Travessuras de Afonso*. São Paulo: Ática, 1980.